

IMAGENS E NARRATIVAS: UMA PROPOSTA DE CONSTRUÇÃO DE METODOLOGIA PARA PESQUISA SOBRE JUVENTUDES E CIDADE

Clarice Cassab

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Departamento de Geociências, Juiz de Fora, MG, Brasil
clarice.cassab@ufjf.br

RESUMO

O trabalho pretende apresentar e discutir uma proposta de metodologia para pesquisa com juventudes. Sua intenção é construir caminhos metodológicos possíveis que coloquem os jovens como sujeitos ativos na produção do conhecimento sobre as Juventudes e sua relação com a cidade. Para tanto, o trabalho apresenta, em sua primeira parte, os conceitos que fundamentam nossa proposta de metodologia: Juventudes, cidade, prática espacial e cotidiano. Em seguida, são apresentados e discutidos os elementos que compõem a metodologia em si. O primeiro deles envolve os registros fotográficos feitos pelos jovens em seus trajetos e usos da cidade, enquanto o segundo é a roda de conversa, momento em que, através das imagens registradas, os jovens são instigados a pensarem sobre suas práticas e as dos demais componentes da roda. Espera-se, com este texto, apresentar a metodologia como recurso possível na direção da produção de um conhecimento a respeito da dimensão espacial da juventude, tendo o jovem como sujeito ativo deste processo.

Palavras-chave: Metodologia qualitativa. Cidade e juventude. Espaço. Política de cotas.

IMAGES AND NARRATIVES: A PROPOSAL ON THE CREATION OF METHODOLOGIES FOR RESEARCH ON YOUTH AND CITIES

ABSTRACT

The paper aims to present and discuss a proposal of methodology for research with youth. Its intention is to showcase possible methodological paths that place young people as active subjects in the generation of knowledge about youth and its relationship with cities. To do so, the paper presents, in its first part, the concepts that support our proposal of methodology: youth, city, spatial practices and daily life. Then, the elements that compose the methodology themselves are presented and discussed. The first element involves the photographic records made by young people in their paths and uses of the city, while the second is a group discussion, in which, through the recorded images, young people are encouraged to think about their practices and those of the other components of the group. This paper intends to present the methodology as a possible resource in the production of knowledge about the spatial dimension of youth, with the young person as an active subject of this process.

Keywords: Qualitative methodology. City and youth. Space. Quota policy.

INTRODUÇÃO

O trabalho com juventudes requer da pesquisadora um esforço metodológico ainda maior. Trata-se de criar um campo de interlocução e diálogo com sujeitos que nos desafiam a pensarmos nossas técnicas tradicionais de pesquisa, mesmo as qualitativas. Propor uma metodologia de pesquisa com juventudes é a proposta deste artigo. Para tanto, partimos da experiência desenvolvida junto com jovens ingressantes pela modalidade das cotas na Universidade Federal de Juiz de Fora. Fortemente inspirado em práticas metodológicas elaboradas pelo professor Paulo Carrano em suas ações com jovens escolares, o que pretendemos apresentar é mais do que um relato de experiência, mas sim a construção de um caminho metodológico possível para

a realização de pesquisa em que os jovens são sujeitos centrais da produção do conhecimento sobre a cidade.

Deste modo, o que se apresentará é também o produto de pesquisa desenvolvida entre 2018 e 2021¹, quando foram acompanhadas as trajetórias formativas de um grupo de jovens ingressantes por cotas na UFJF. Estes sujeitos foram convidados a registrar suas andanças e permanências na cidade através de imagens fotográficas, a partir das quais eram posteriormente estimulados a pensarem sobre os processos de produção e apropriação da cidade em rodas de conversas. Neste artigo, não trataremos dos resultados direto da pesquisa, mas sim de um dos seus produtos: uma proposta de metodologia de trabalho com juventudes no campo da pesquisa sobre cidades.

Para apresentar nossa questão, organizamos o texto em alguns momentos. Inicialmente faremos uma reflexão a respeito de alguns dos conceitos que balizam nossa proposta metodológica: juventudes, cidade e prática espacial. Entendemos que a elaboração destes conceitos permite dar solidez à proposta e esclarece a centralidade dada aos jovens como sujeitos participantes do processo de produção do conhecimento. Em seguida, trabalharemos o cotidiano como dimensão metodológica na compreensão do espaço e das práticas espaciais dos jovens. Nas duas partes finais do trabalho, discutiremos os dois aspectos centrais da metodologia: as fotografias e a roda de conversa como narrativas dos jovens sobre si, suas experiências, práticas e espacialidades na cidade, tanto na dimensão singular, quanto particular.

AJUSTANDO CONCEITOS: JUVENTUDES, CIDADE E PRÁTICAS ESPACIAIS NO COTIDIANO

Pensar uma metodologia que incorpore o jovem como sujeito ativo da produção do conhecimento implica reconhecê-los como capazes de elaborar suas experiências de mundo na especificidade de sua condição juvenil. Exige, portanto, romper práticas de invisibilização e anulação, que ainda hoje atravessam muitas das pesquisas, políticas e ações que se direcionam a eles.

Tais práticas sustentam-se na concepção dos jovens como não-sujeitos, vivendo um momento de transição. O jovem aparece na pesquisa mais como objeto do que como interlocutores no processo de produção do conhecimento científico. Para Castro (2008, p.21),

A pesquisa com crianças e jovens está determinada pela concepção que fazemos desses sujeitos, que não somente define nossa relação com eles como também funda o saber científico que produzimos. Adotar determinada concepção de infância e juventude convoca o pesquisador a assumir as conseqüências de tal concepção do ponto de vista da condução do dispositivo de pesquisa, ou seja, articular consequentemente teoria (quem é a criança) com metodologia (como pesquisa crianças e jovens?).

A superação desta barreira demanda a nitidez quanto à forma como se concebe as juventudes, uma vez que nossos conceitos não são meras abstrações do pensamento. Eles nos conduzem a determinadas escolhas no desenrolar de nossa práxis. Definem – e são definidos – a partir de visões e entendimentos sobre o real. Orientam nossas ações e leituras do mundo. Por tanto, não são neutros, pois são carregados de intencionalidades. Logo, como conceituamos a juventude tem forte implicância na forma como nos relacionaremos com os jovens no processo de pesquisa, assim como no conhecimento produzido. É por esta razão que o primeiro esforço deve ser o de construir e consolidar a maneira de conceber a juventude.

Em nossas pesquisas e ações, temos tratado a juventude como uma relação particular que os sujeitos constroem com o mundo em determinado momento da vida. Tal relação o coloca, pela primeira vez, ainda mais intensamente no âmbito público, instigando-o a criar vínculos sociais e territoriais a partir de diferentes lugares que ocupa no mundo e de suas distintas experiências. Este é, portanto, um tempo intenso de subjetivação e particular para o processo formativo do jovem como sujeito social.

¹A pesquisa "Jovens cotistas e suas mediações espaço-temporais na cidade" contou com o financiamento do CNPq e foi desenvolvida no âmbito do Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tratou-se de pesquisa de caráter qualitativo, inserida no campo da pesquisa-intervenção.

Nesta perspectiva, Dayrell (2005, p. 4) afirmará que

a juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afetiva até a profissional. Esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem.

Pensado assim, ganha relevância o reconhecimento e entendimento dos lugares que este jovem ocupa no mundo, de suas teias de relações e das inúmeras mediações que se interpõem entre ele e o mundo. Tais mediações conformarão suas experiências com o mundo, suas formas de representá-lo e significá-lo, bem como seu lugar de poder (CASSAB, 2021). Reforçamos, portanto, que são as mediações que atravessam a vida dos sujeitos que vivem este momento particular e intenso de formação que definirão a forma como experimentam e vivem a juventude. Ao se entender a juventude “como um feixe de relações estabelecidas pelos sujeitos jovens em seus diferentes espaços e tempos” (CASSAB, 2019, p. 3), torna-se razoável admitir que a multiplicidade e qualidade das experiências vividas pelos jovens condicionam seus processos de subjetivação e, conseqüentemente, sua conformação como sujeito, bem como sua relação com a cidade.

No decorrer de nossa pesquisa, por exemplo, elencamos como dimensões fundamentais na definição de nossos sujeitos a presença em uma universidade pública via cotas e o fato de atenderem aos critérios de ingresso via cotas (renda, cor e ensino médio em escola pública). O elemento das cotas é também aquilo que une esses jovens em torno de experiências e trajetórias que, em muitos casos, se cruzam e se assemelham, ou seja, ao elegermos as cotas assumimos, que esses jovens partilham vivências que são dadas pela condição de serem egressos da rede pública de ensino, de terem renda inferior a 1,5 salários-mínimos e de serem pretos, pardos ou indígenas. Essas condições estavam ou integralmente presentes, ou de forma combinadas, dadas as características de cada grupo de cotas. Ou seja, excetuando o critério de ter cursado todo o ensino médio em escola pública, os demais não são comuns a todos os grupos de cotas².

O primeiro exercício da construção de nossa metodologia, portanto, foi a delimitação conceitual de nossos sujeitos e da experiência de juventude por eles vividas a partir do ingresso na Universidade pública. A ela se soma a necessidade de apreender o sentido de cidade que orienta nossas ações. Seja como pesquisadora ou agente público do urbano, é preciso que sejamos capazes de construir um entendimento de cidade que possa ser o de conversar com os jovens. Não se trata de um conceito fechado, mas de uma aproximação que possa dialogar com as representações e as construções que os próprios jovens vão tecendo sobre a cidade, a partir da reflexão que fazem quando instigados pelas suas experiências cotidianas, agora mediadas pelo movimento da pesquisa.

Nesta proposta de metodologia, partimos da compreensão da cidade como produto e produtora de relações sociais, inspiradas em Massey (2009) e Santos (1996) para compreendemos como espaço banal, habitado por sujeitos com distintas lógicas, histórias, intencionalidades e trajetórias que se encontram no lugar, obrigados a negociarem suas existências. Neste sentido, a cidade é espaço público, lugar do encontro e dos conflitos dos distintos, diferentes e desiguais sujeitos.

É nessa cidade que os jovens habitam, na mesma medida em que são por ela habitados (BARBOSA, 2013). A noção de habitar costura, nesta proposta, juventude e cidade. Nela, reside a potência do sujeito como produtor e transformador do espaço. Para Bollnow (2008), a relação dos homens e mulheres com o espaço se dá pela ação do habitar e, através dela, pretende-se a construção de um espaço de referência. De acordo com o autor, através da casa, os indivíduos

²Não é objetivo do texto, como já dito, mostrar os resultados da pesquisa em si, mas sim apresentar a metodologia que orientou seu desenvolvimento e que também emergiu como seu produto. Por tanto, quando expomos as mediações escolhidas para a delimitação das juventudes a serem apreendidas, pretendemos apenas reforçar que é parte do movimento da metodologia ter clareza do conceito e das mediações que implicam na definição de nossos jovens, sujeitos reais desta pesquisa.

vão se movimentando pela cidade em busca de sua sobrevivência, da fruição ou apenas do encontro do outro. Neste aspecto, o sujeito não apenas habita a casa, mas a própria cidade e, assim, prossegue Bollnow (2008), está encarnado no espaço. Isso significa que

Em seus percursos, homens e mulheres vão se apropriando dos componentes materiais e simbólicos disposto no espaço, através dos quais vão fazendo uso da cidade. Nesse aspecto, a casa é tanto o ponto de partida para o encontro com outro na cidade, quanto o ponto de chegada no momento em que o sujeito cessa sua caminhada e seus encontros. É por esse duplo movimento que a moradia estabelece um espaço de referência a partir do qual o sujeito pode se movimentar pela cidade, fazendo novas identificações e significações (CASSAB e SOUZA, 2022, p.317).

Henri Lefebvre pensará o habitar em sua dimensão utópica. Para o filósofo, o habitar é condição humana, elemento central da própria humanização do homem. Neste sentido, habitar a cidade significa vivê-la como espaço de ação, capaz de possibilitar a apropriação das oportunidades e dos benefícios socialmente produzidos e que fazem a cidade um campo de potencialidades. Contudo, se esta dimensão orienta a construção utópica de um projeto de cidade, ela se edifica sobre o entendimento das contradições que se expressam na relação entre valor de uso e valor de troca, aproximando-nos da análise da cidade como espaço de reprodução capitalista. Reconnhecemos que neste movimento, a cidade é produzida engendrando contradições e desigualdades de diferentes ordens: de renda, de cor, de gênero, territoriais, etc. A cidade, assim, constitui-se como espaço de disputa pela ação dos seus sujeitos (re)produtores, dentre os quais estão os diferentes jovens.

De acordo com Mendes (2020, p. 123), os jovens participam da disputa pelo “ambiente do viver, no que se refere a sua criação, administração, uso e sentido do próprio ambiente construído”. Para a autora,

Os jovens se inserem nestes processos de disputa, em busca do seu lugar como protagonistas, como criadores do tempo presente e, conseqüentemente do seu futuro. Vão buscar habitar a cidade como criadores, pois habitar é produzir coisas, edificar lugares, produzir espaços que permitem ao homem existir (MENDES, 2020, p.123).

Como espaço de/em disputa, a cidade também pode assumir um sentido formativo, uma vez que, através de suas práticas cotidianas, os jovens fazem uso da cidade, apropriam-se e dão sentido a ela em uma relação através da qual apreendem, decifram e (re)significam a cidade e a si mesmos como sujeitos jovens. É neste aspecto, portanto, que a cidade pode ganhar uma dimensão formativa, na medida em que habitá-la exige o entendimento e a participação em seus processos produtores. Ao fazerem isso, os jovens modificam a si mesmos e à forma como vivem sua experiência juvenil. Entendemos que o habitar se configurará em um importante dispositivo de subjetivação que possibilita “a emersão de um material fértil para a produção de subjetividades” (FRANCO e VAN STRALEN, 2012, p. 418) aqui compreendida como

um processo e não como uma estrutura, ocorrendo novos processos de subjetivação com a formulação de novos arranjos sociais. Os processos de subjetivação são variáveis e contínuos e surgem em concordância com processos históricos, sociais, políticos, urbanos, sem ser um determinante absoluto (FRANCO e VAN STRALEN, 2012, p. 412).

Ao refletirem sobre suas práticas cotidianas e sobre como seus corpos habitam a cidade e como são regulados, normatizados e até interditados, a cidade torna-se campo de produção do conhecimento e matéria de subjetivação dos jovens. Freire (1993, p. 23) afirma que a vivência na cidade constrói um espaço espontâneo e permanente de aprendizagem. Para o educador, o simples viver na cidade resultaria num “modo espontâneo (...) de as cidades educarem”.

Não é suficiente, contudo, reconhecer sua dimensão espontânea, pois, de acordo com o autor, sua plena realização como espaço educativo somente se dá pela ação dos sujeitos. Ou seja, a cidade é espaço de formação e aprendizagem quando compreendemos que a habitamos como sujeitos ativos em seu processo de constituição.

Interessava-nos, portanto, apreender como estes sujeitos habitam a cidade, como se apropriam e a significam, como capturam os códigos que a organizam e como, neste processo, vão estabelecendo novas subjetivações, refazendo-se permanentemente. Nosso interesse justificase no entendimento de que é no movimento pelas ruas que nos anunciamos na cidade, tornamos

evidente a nossa presença, criamos e recriamos territórios e territorialidades, estabelecemos vínculos de diferentes ordens. Em nosso movimento, materializamos a cidade como experiência corpórea, dando significado e forjando identidades com o espaço e (re)construímos a própria imagem e concretude da cidade. Neste sentido, a percebemos não apenas como um conjunto de fragmentos, mas como espaço articulado em que ações e intencionalidades, materializadas em sua paisagem, expressam a presença de uma gama de sujeitos sociais que produzem a cidade como um espaço de disputa.

Neste aspecto, assumimos que o movimento de se reconhecerem como sujeitos que habitam a cidade é importante mediação na produção de suas subjetividades. É, também, no diálogo com suas práticas espaciais cotidianas que esta proposta de metodologia pretendeu criar um espaço de interface de saberes de modo que nesta troca os sujeitos envolvidos pudessem ser afetados uns pelos outros. O cotidiano, deste modo, foi a escala escolhida.

COTIDIANO E PRÁTICAS ESPACIAIS: CERZINDO UMA METODOLOGIA DO COTIDIANO PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

O cotidiano é a escala adotada no desenrolar desta metodologia. É nele que “se dá a união de uma diversidade enorme de existências, em harmonia, mas não necessariamente harmoniosa” (BALBIM, 2003, p. 158). Apoiando-se na leitura de Milton Santos, Balbim (2003) sustenta que o cotidiano se desenha tanto como um limite, quanto como quadro de ação. Lugar do encontro de tantos desiguais, gerador de conflitos e cooperações que obrigam a permanente negociação.

Neste aspecto, o cotidiano emerge como dimensão fundamental do espaço, capaz de revelar as práticas espaciais, os usos do território, as estratégias e os posicionamentos. Para tanto, é preciso que a pesquisadora esteja atenta aos sujeitos e aos seus movimentos na cidade, a seus usos e práticas espaciais, assim como ao dito e ao não-dito, aquilo que está visível e o que se esconde aos olhos ou que “se dúvida valer a pena dizer” (RIBEIRO, 2005). Esta escala, portanto, nos permitirá apreender as práticas espaciais dos jovens na cidade.

Para Sposito (2017, p.636), “as práticas espaciais são sempre uma combinação entre materialidade (condições objetivas e de natureza físico-territorial) e representações que se constroem sobre o mundo e o espaço (condições subjetivas que mesclam razão e sentimento)”. Isso significa que todas as escolhas espaciais realizadas, os itinerários percorridos, os lugares frequentados e os evitados, o lugar da moradia e do lazer são constantemente condicionadas pela dialética intrínseca na relação entre condições objetivas e subjetivas dos sujeitos. Por esta razão, as práticas espaciais cotidianas são reveladoras e carregadas por surpresas e pelo inesperado. Para Di Méo (1999), é esta relação entre as determinações socioeconômicas e culturais e o “universo simbólico das estruturas cognitivas dos sujeitos sociais” que confere ao cotidiano essa dimensão de imprevisibilidade, de novidade e de mudança. Para o autor,

Au cœur de ce feu croisé d'interférences idéelles et matérielles, loin d'exprimer d'invariables routines, les pratiques tranquilles du quotidien font preuve, en permanence, d'un étonnant esprit d'invention. Ce sont elles qui produisent sans relâche l'espace géographique et ses territoires (Di MÉO, 1999, p. 91)

Tendo as práticas espaciais cotidianas como referência, Di Méo (1999), assim como Ribeiro (2005), nos provoca para que estejamos atentos ao “peso casual do efêmero”, a percorrermos os caminhos do cotidiano. Para o geógrafo francês, os territórios cotidianos, demarcados no espaço da vida que é a cidade, são, fundamentalmente, obra do caminhante. Balbim (2003) reforça o peso dado ao deslocamento como criador de solidariedades e contiguidades (horizontalidades), sendo parte constituinte e importante do cotidiano. Assim, prossegue o autor

o lugar de permanência e a vida de relações – traduzida através da mobilidade – formam um conjunto relativamente estável de práticas espaciais e usos do território, garantindo a existência de identidades e referências importantes na configuração de estratégias e posicionamentos políticos e sociais (BALBIM, 2003, p. 161).

Deste modo, os itinerários, os deslocamentos, os movimentos cotidianos, resultantes das escolhas espaciais constantemente feitas pelos sujeitos, através da interação entre condições materiais e subjetivas, são cruciais para a produção concreta do espaço geográfico (Di MÉO, 1999).

Gehl (2015) denominará o cotidiano como sendo próprio da escala humana, também produtora da cidade. Através dela, dirá o arquiteto, a cidade é planejada tendo como matéria prima as experiências das pessoas que a habitam e a vivem “ao nível dos olhos”. É esta a escala que verdadeiramente permite o viver a cidade, produzindo-a como lugar de encontros, de experiências e da vida. Seu uso permite a existência de uma cidade “adaptada aos sentidos e ao potencial dos seres humanos” (GEHL, 2015, p. 55). Deste modo, complementa, “não interessam as grandes linhas da cidade ou a espetacular implantação de edifícios, mas a qualidade da paisagem humana tal como percebida por aqueles que caminham ou por aqueles que permanecem na cidade” (GEHL, 2015, p.195)

Em todos os autores tratados, Gehl(2015), Di Méo (1999) e Balbim (2003),o caminhar ganha centralidade analítica. O movimento dos corpos no espaço, sua caminhada e suas paradas, revelam processos concretos de produção e organização do espaço. Os lugares permitidos e interditados ao movimento, permanência e presença dos diferentes e desiguais corpos no espaço, são pistas que anunciam as dimensões materiais e simbólicas, bem como as relações que produzem a cidade no encontro de diferenças, distinções e desigualdades.

O desafio, portanto, como geógrafa e pesquisadora no campo das juventudes, foi o de pensar, elaborar e propor uma metodologia que possibilitasse apreender, através das práticas espaciais cotidianas, as formas pelas quais os jovens concebiam e representavam a cidade e suas experiências nela. O objetivo, contudo, estava fortemente implicado, no desejo de, nesta caminhada, incorporá-lo no processo de produção do conhecimento sobre a cidade, fazendo com que, através de suas presenças na pesquisa, refletissem sobre tais práticas e experiências, construindo um conhecimento sobre si e sobre a cidade que fosse dialógico e transformador, porque

O domínio da cidade pelos jovens através das práticas sociais concretas permite que ela se torne para esses sujeitos aquilo que Milton Santos (1996) chama de formas-conteúdos. Ou seja, ultrapassando o imediato sensível, se reconectam as formas e seus significados. Este movimento se dá no pensamento e na ação do sujeito, pela saturação do real em seus múltiplos significados, pela superação da opacidade na apropriação empírica e conceitual das inúmeras tramas que compõem sua tessitura (CASSAB e CASSAB, 2008, p. 265).

Como “capturar” suas práticas espaciais cotidianas? Como materializá-las de forma que, na troca entre nós, elas pudessem se transformar em matéria no movimento de produção do conhecimento? Como, através dela, estimular relações intersubjetivas? Como contribuir para tornar os jovens sujeitos ativos no processo de pesquisa? A resposta encontrada foi o convite para que registrassem fotograficamente seus percursos na cidade em seus movimentos cotidianos.

PELO OLHAR DOS JOVENS: FOTOGRAFIAS COMO IMAGENS NARRATIVAS DA CIDADE

O uso de imagens e, particularmente, de fotografias em pesquisas qualitativas no campo das Ciências Sociais não é algo novo. Mesmo se pensarmos na Geografia, temos a imagem como um importante instrumento de aproximação e representação do real. Cartas, mapas, desenhos de naturalistas e viajantes são expressões iconográficas que inclusive configuram a própria história da construção do pensamento geográfico e da ciência geográfica. Semelhantemente, seu uso em metodologias de pesquisa com juventudes não é incomum.

O que propomos apresentar, por tanto, vai à esteira de tal saber acumulado e resulta do esforço em sistematizar um percurso metodológico em que a fotografia do cotidiano na cidade fosse estimuladora, engendrando a construção das narrativas e das interpretações que os jovens faziam dos processos de produção e apropriação da cidade a partir de seus lugares e experiências. Neste aspecto, a fotografia é mais do que apenas um registro, pois se coloca entre o jovem e a cidade e expressa não apenas o visto, mas também o que não foi revelado. O que está oculto e o que, como mencionado anteriormente em Ribeiro (2005), “não vale a pena ser dito”.

O avanço das tecnologias digitais próprias do período técnico-científico e informacional expandiu a produção e o uso das imagens, fazendo com que a fotografia e o ato de fotografar se popularizassem e fossem incorporadas na vida de grande parte da população. Neste contexto

profundamente imagético e informacional, a apropriação das técnicas e tecnologias é possibilitada pelo acesso relativamente mais fácil a aparelhos celulares com câmeras integradas e a outros dispositivos fotográficos. Através deles, registramos a realidade vivida com ampla gama de modos de olhar criadores de narrativas, muitas das quais publicadas na internet. Calcula-se, de acordo com o DataReportal (2022), que o Instagram passou a ser a terceira rede social mais usada no Brasil em 2022, com 122 milhões de usuários (INSTAGRAM, 2022). Ainda de acordo com a pesquisa de Aprobato (2018, p. 159)

Desde 2015, a presença de brasileiros na plataforma é maior do que a média global – naquele ano, 55% dos usuários de internet estavam presentes na rede social de fotografias, mais do que a média global de 32%. Em 2016, esse número subiu para 75%, mais do que os 42% da média global do mesmo ano.

A pesquisa indica, portanto, o quanto essa plataforma digital ganhou centralidade na vida de muitos de nós. Atualmente, o Brasil é o segundo maior em número de usuários, perdendo apenas dos EUA, sendo o percentual maior entre os jovens. Paula (2015) já chamava atenção para o número expressivo de imagens publicadas nessa rede social. De acordo com a autora, 70 milhões de fotos eram publicadas diariamente em 2015 e, em seus quatro anos iniciais – a rede foi lançada em 2010 –, 30 bilhões de fotos foram postadas. É razoável supor que, depois de 7 anos, estes números tenham se ampliado.

Chamamos atenção a esses números porque parecem relevantes no sentido de sugerirem a força que o uso das imagens, em especial das fotografias, tem como dispositivo de memória, comunicação e sociabilidade na sociedade moderna, sobretudo para os jovens. Tal fato também explica a escolha de seu uso na construção da metodologia aqui apresentada. Em seu trabalho, Meirinho (s. d., p.6) destaca a fotografia como recurso eficiente, pois é reveladora das perspectivas dos jovens sobre determinados fatos, lugares ou situações. Elas refletiriam, para o autor, o modo como os jovens representam o mundo ao seu redor, bem como expressam, de forma visual, seus interesses e suas questões, em um momento da vida que seria merecedor de “interpretações que valorizam instrumentos linguísticos mais criativos e colaborativos”.

A metodologia que apresentamos tem, certamente, imensa inspiração no trabalho desenvolvido pelo professor Paulo Carrano com jovens da educação básica no Rio de Janeiro. Em sua pesquisa “Jovens fora de série”, Carrano (2016, s. p.) pretendeu “revelar e compreender trajetórias de escolarização e percursos biográficos de jovens estudantes em situação de defasagem escolar em escolas públicas de Ensino Médio no Rio de Janeiro”. Para tanto, foram estimulados a registrarem seu cotidiano, em foto e vídeo. É assim que um dos dispositivos metodológicos utilizados no projeto foi o fotográfico. Segundo o autor:

O dispositivo foi tratado como um “desafio ou tarefa fotográfica” em torno de duas perguntas: a) sua vida poderia ser fotografada? b) o que você fotografaria? Sugeriu-se, com estas questões, um exercício projetivo de fotografias que poderiam ser feitas e assim os jovens foram descrevendo espaços concretos de seus cotidianos, mas também imagens menos concretas que poderiam representar experiências, acontecimentos, sentimentos, projeções, expectativas de futuro (CARRANO, 2016, s. p.).

As questões colocadas aos estudantes por Carrano partem do entendimento da fotografia como um signo, uma forma de representação do real situada em um contexto social, histórico e espacial, que também produz realidades. É desta inspiração, portanto, que sugerimos aos jovens de nossa pesquisa que retratassem seus percursos cotidianos com a finalidade de desvelarem os lugares e paisagens por eles significadas, que colaborassem na construção de narrativas potentes sobre si, sobre a cidade e sobre outros jovens.

Para Achutti (1997), as fotografias carregam um potencial narrativo que pode contribuir para a construção do saber. Utilizadas sob a forma de “narrativas visuais”, elas seriam, segundo o autor, uma maneira distinta de narrar o nosso olhar sobre o outro. Propondo o que chamou de fotoetnografia, Achutti (1997, p.117) sugere que os registros fotográficos “devem ser objeto de construções sob forma de seqüências e de associações de imagens, tendo por objetivo treinar o leitor a praticar outras associações para nelas encontrar uma significação”.

Durante a pesquisa foi pedido aos jovens que registrassem seus percursos pela cidade, revelando os lugares e as paisagens significadas por eles. As fotos foram publicadas com uma breve descrição feita pelos próprios jovens fotógrafos, na página do Instagram @jovenscotistas,

desde agosto de 2019 até março de 2021, totalizando 150 fotos, sendo a maioria tirada durante o ano de 2019³.

Mais do que um instrumento ilustrativo de uma narrativa textual ou de coleta de informações, elas seriam “verdadeiros textos visuais” que materializam um olhar, sendo elas mesmas o “discurso de um olhar” (QUEIROZ FILHO, 2010). Para o autor, “a fotografia nos dá uma forma de ver o mundo, ou ainda, nos dá o mundo pela sua forma de ver” (QUEIROZ FILHO, 2010, p. 42). Seu uso “como prova de realidade” em nossa sociedade implicou em uma nova relação com as imagens e com aquilo que se compreende como realidade, alterando, também “o modo de imaginarmos o mundo, de imaginarmos espacialmente o mundo” (p. 42). Resulta desta mudança, dirá o geógrafo, a possibilidade de outras grafias para dizer do mundo. Para ele, as “geografias que nascem dessas narrativas visuais, entrelaçadas com nossas experiências, (...) são outras geografias possíveis” (p. 51).

É, portanto, pensando a fotografia como narrativas visuais produzidas nas experiências vividas pelos jovens, assim como grafias reveladoras de suas práticas espaciais na cidade, que a propomos como elemento central na construção de nossa metodologia. Na pesquisa, o que se pretendeu revelar pelos registros imagéticos feitos pelos jovens foi sua experiência juvenil na cidade. Através de seus olhares sobre a cidade, dando significado a ela pela sua mobilidade e uso, o que se aspirou captar foi como eles (re)significam suas relações com a cidade e, neste processo, como ampliam suas experiências e sua própria condição juvenil.

Para Gomez, Fernandez e Prado (2022, p. 145) as fotografias podem emergir como “expressões poéticas, artísticas, culturais, de pontos de vista, constituindo em uma forma de “olhar” para as coisas, objetos, elementos, discursos, mas acima de tudo, que possibilita uma visão acerca de recortes espaciais e as múltiplas experiências que as permeiam”. Desta maneira, ela indica escolhas dadas pelo olhar. Elas situam os jovens em um determinado espaço-tempo na cidade e possibilitam a “captura” daqueles recortes espaciais elencados como relevantes em função das experiências vividas. Tais experiências são mediadas pela sua condição juvenil e podem revelar como estes sujeitos apreendem os processos contraditórios de produção e apropriação da cidade. Neste aspecto, Sanders (2010, p. 185) sublinha que a fotografia oferece

a visual record of ‘moments’ that can be measured against future changes (Geertz, 1973; Harp, 1975; Pink, 2001); it authenticates verbal descriptions of place; and it is data that aid in the task of categorizing, classifying, naming and controlling information (Sekula, 1982; Secondulfo, 1997; Pauwels, 2000; Harper, 2002; TenHave, 2003). Accordingly it becomes a powerful aid in seeing the impact people and places have on one another and how they mutually reinforce one another; in other words it is a powerful tool in examining the sociospatial dialectic.

De acordo com Secco (2021), os sujeitos, ao fotografarem, evocam intenções, conhecimentos e criatividade. Ao registrarem determinadas paisagens e situações, o fazem escolhendo focos, ângulos, olhares e enquadramentos, pois as fotos são mais do que meros registros; carregam ideias, discursos e vivências de quem as tirou.

Em nossa pesquisa, por exemplo, a Universidade foi muito registrada pelas lentes dos jovens. Imagens do campus, dos prédios onde fazem seus cursos, do restaurante universitário, das áreas de descanso se repetiram em muitas das fotos. Seus registros vinham acompanhados das narrativas em torno de seu tempo preenchido pela condição de estudantes universitários e pelas múltiplas vivências na Universidade ou ligadas a ela, o que explica a grande quantidade de fotografias referentes à vida na UFJF.

Já quando retratavam a cidade, os registros percorriam imagens de ruas, cruzamentos, trajetos, trânsito e pontos de ônibus, explicitando suas dificuldades cotidianas de circulação e mobilidade enfrentadas em seu deslocamento diário para chegarem no campus universitário. Os longos e cansativos trajetos casa-universidade realizados nos ônibus da cidade eram as experiências

³É indiscutível que o desenvolvimento e aplicação da metodologia sofreram os efeitos da pandemia da COVID-19. Diante dos desafios colocados pelo isolamento social, seguiu-se com os registros fotográficos agora orientados no sentido de indicarem seus cotidianos diante da nova condição imposta pela pandemia. As rodas de conversa passaram a se dar de forma virtual. Contudo, a despeito destas dificuldades, os jovens seguiram ativos e participativos na pesquisa e na realização das ações ligadas a ela.

vivenciadas cotidianamente e registradas em parte de suas fotos, assim como os seus bairros ou a busca por representar a natureza, especialmente através do pôr do sol.

O que se destaca com tais registros é que a escolha do que será fotografado está condicionada, em grande medida, aos lugares e as experiências vividas, pois “quando uma fotografia é criada, ela está marcada por intencionalidades, mesmo que subjetivizadas, e neste sentido se caracterizam como simples fragmento de espaço e tempo interpretado” (JESUS, 2015).

Entre nossos jovens, a universidade, o bairro e os trajetos percorridos foram suas escolhas principais. Ao produzirem fotografias de seus cotidianos na cidade e no campus da UFJF, estão também erigindo significados de si, para si, e imagens que serão lidas e interpretadas de múltiplas maneiras, tendo como base as vivências e percepções de quem às veem.

Para Martins (2009), as fotografias anunciam relações sociais que se tecem em redes dotadas de sentidos, cumprindo um papel desvelador de aspectos da vida cotidiana, declarando mais sobre o fotógrafo do que qualquer outra coisa. Neste sentido, compreendemos que, ao fotografarem seus trajetos e lugares de permanência na cidade, fazem a partir dos lugares que ocupam na rede que compõem sua juventude.

Neste aspecto, suas experiências corpóreas, sociais e territoriais adentram no universo das escolhas do que registrar e do que não registrar. Do que pode ser dito na forma de imagem e do que deve ser escondido. Tais escolhas que apontam tanto para determinadas significações a respeito da cidade que habitam, quanto para sua própria condição de ser jovem universitário, porque, “cada ato fotográfico, por mais involuntário que seja, é único e carregado de um sentido próprio, porém composto pelos diversos discursos que atravessam o autor e ajudaram-no a construir-se enquanto sujeito” (FELICIANO; SILVA; DA SILVA; 2021, p. 39-40).

Mas as fotografias não revelam apenas as experiências individuais. Elas nos direcionam para vivências compartilhadas que se dão através das múltiplas relações sociais e espaciais que as constituem, pois “como esse olhar representativo de determinada realidade vem ‘carregado’ de intersubjetividade, o ato fotográfico, bem como o produto gerado por ele, serve de subsídio para entender o processo de subjetivação contemporâneo e as relações sociais dos sujeitos (FELICIANO; SILVA; DA SILVA; 2021, p. 39-40)

Em nosso caso, na especificidade de nossa pesquisa, nos interessavam as imagens que anunciavam as experiências espaciais daqueles sujeitos jovens que viviam o momento de sua juventude como estudantes de uma universidade pública, em uma cidade média, e que partilhavam as condições de serem cotistas. Neste processo, as fotos anunciavam uma teia de experiências e de lugares na cidade, fortemente atravessadas por estas condições, muitas das quais reconhecidas mutuamente no grupo.

Contudo, para que estes reconhecimentos possam ocorrer e possam ser apreendidos como conhecimento sobre os processos geradores do espaço, era fundamental que as fotografias, enquanto narrativas em si, também pudessem ser partilhadas e serem indutoras de narrativas coletivas sobre si, sobre a cidade e sobre ser jovem, na perspectiva de que

a utilização de fotografia como estratégia metodologia implica a produção conjunta de saberes não delegando ao sujeito a função de fornecedor de dados, mas de protagonista do processo de construção de conhecimentos. A fotografia é tomada como parte de um trabalho, um momento de um processo de intervenção em um coletivo (TITTONI et al, 2011, pg. 64).

Para isso, as rodas de conversa compuseram a última etapa de nossa metodologia, constituindo-se como espaço de partilha e construção coletiva, tendo as fotografias como produtoras de outras e novas narrativas.

EM TORNO DO “ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS”: RODA DE CONVERSA E AS NARRATIVAS ESPACIAIS DO COTIDIANO

Lindón (2017), em seu artigo, sugere a possibilidade de pensarmos metodologias qualitativas criativas e capazes de alcançar as distintas vivências espaciais. Para a autora, isso implica a construção de interpretações que tenham como centro os sujeitos e os significados que outorgam ao mundo. Nesta direção, propõe três caminhos possíveis para alcançarmos as práticas e suas espacialidades: 1) sua observação, 2) o uso de imagens diversas e 3) o discurso do próprio

sujeito que realiza tais práticas. Seguido tal trilha, a metodologia aqui proposta buscou observar as práticas espaciais de jovens através de registros imagéticos que também serviram como motor para a realização de rodas de conversas que visavam instigar a fala e reflexão sobre as práticas e as espacialidades vivenciadas, produzindo, com isso, verdadeiras narrativas espaciais.

As narrativas são a expressão discursiva das práticas e das espacialidades desses jovens na/pela cidade. Através delas, eles não apenas comunicam suas experiências, como também a significam. Neste aspecto, o “pensamento narrativo”

consiste em contarnos a nosotros mismos, o a los otros, historias. La particularidad de reconocer que en estavieja práctica opera un tipo de pensamiento responde a que, al contar esas historias, vamos construyendolos significados de nuestras experiencias. Así, La construcción del significado surge de La narración (LINDÓN, 2017, p 17).

Através delas, os jovens dão visibilidade às suas experiências mediante o compartilhar e o exercício de pensar não apenas suas próprias vivências (sociais e espaciais), como também as dos demais. Todas as narrativas foram costuradas ao longo das rodas de conversa realizadas. A roda de conversa foi o percurso metodológico, dentro da pesquisa, escolhido para que os jovens expressassem suas práticas espaciais e suas espacialidades. Desenhada de forma a ser um espaço de encontro e livre expressão, na roda de conversa, os sujeitos podiam não apenas falar de si, como também refletirem sobre as práticas espaciais dos demais. Neste sentido, em nossa proposta, a roda de conversa é compreendida como

uma forma de coleta de dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão. É, na verdade, um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos, em um processo mediado pela interação com os pares, mediante diálogos internos, e, ainda, no silêncio observador e reflexivo (MOURA e LIMA, 2014, p. 25).

Sentados em torno de “nosso álbum de fotos”, os jovens relatavam e (re)significavam suas práticas e espacialidades. As fotos, neste sentido, eram tanto narrativas em si, como também instrumentos para a construção coletiva de outras possíveis narrativas. O sentar-se em torno do “álbum de fotos” simboliza as próprias rodas de conversa e indica sua importância como instrumento metodológico de investigação das espacialidades dos sujeitos. Sendo assim, a roda de conversa é compreendida como mais um elemento da metodologia aqui apresentada, sendo uma forma e uma oportunidade de debate sobre determinadas temáticas, nas quais os sujeitos são os principais narradores de si e de suas histórias.

Pela escuta e pela fala, os jovens socializam saberes, trocam impressões e experiências e constroem e reconstróem conhecimentos sobre os temas propostos. De acordo com Warschauer (2004, p. 18),

Nossas narrativas do vivido são nossas experiências sobre os acontecimentos e não os acontecimentos em si. Trata-se do significado que atribuímos ao vivido. Dessa maneira, ao ouvir a história de alguém, podemos extrair significados diferentes dos que ela mesma atribui. Além disso, (...) elas favorecem uma tomada de consciência e uma grande possibilidade de tomar a própria vida nas mãos, tendo mais autoridade sobre ela e podendo exercer melhor sua autoria, palavras que tem a mesma origem etimológica (WARSCHAUER, 2004, p. 18).

Sob esta ótica, os jovens foram convidados a se reunirem para, mediados pelos registros fotográficos e no grupo, refletirem sobre suas espacialidades. Nas rodas, foram provocados a falarem sobre seus usos da cidade, seus caminhos e não-caminhos, a construção de seus projetos de vida e de trabalho, sua relação com a Universidade, suas experiências de desigualdade e discriminação, além de outros temas que eram trazidos pelos próprios sujeitos. Neste momento, buscou-se reter o caráter narrativo e os sentidos atribuídos pelos jovens cotistas às situações fotografadas, a suas andanças e permanências em suas vivências cotidianas na cidade. Eram também convidados a refletirem não apenas sobre os sentidos registrados em suas próprias fotos, mas também a significarem e interpretarem o que havia sido capturado pelos colegas.

Foi comum que reconhecessem lugares e experiências registrados fotograficamente por outro. Para uma das jovens da pesquisa, seria “importante pra gente olhar mesmo e ver coisas que seriam até banais, mas que fazem algum sentido. E elas vão até se repetir, por exemplo, tem muita foto ali que eu reconheci, mesmo não sendo fotos que eu tirei, mas que são locais muito importantes pra mim”.

Ao se verem nos registros uns dos outros, eles se sentiam estimulados a falarem não apenas sobre suas vivências singulares, como também sobre aquelas que eram comuns e partilhadas, indicando o que lhes era particular. Ou seja, as condições que, externas a eles, eram compartilhadas em função de estarem vivendo a juventude, por serem jovens universitários, por serem cotistas e, no caso de muitos, por serem negros e, para ainda alguns, por serem oriundos de cidades menores do entorno de Juiz de Fora.

É, deste modo, na dialética singularidade-particularidade-universalidade que os indivíduos vão subjetivando suas experiências no movimento de construção de si como sujeitos sociais. É “na relação entre a singularidade (o indivíduo) e a universalidade (o gênero humano), a qual se concretiza através das múltiplas mediações determinadas pelas relações sociais específicas do contexto (a particularidade) em que esse indivíduo está inserido” (OLIVEIRA, 2005, p. 21). Trata-se, portanto, de um processo de mútua determinação, no qual a singularidade se realiza na universalidade *pari passu* em que a universalidade se concretiza na singularidade, sendo a particularidade as mediações sociais existentes. Reforça-se esta dimensão, no sentido de sinalizar que mesmo as experiências mais íntimas não estão esvaziadas de sentido social.

É apenas nas práticas sociais e espaciais que os sujeitos produzem suas subjetividades e significam suas experiências. Sendo assim, na roda de conversa, o discurso narrativo é também uma construção coletiva que exige a apreensão das identificações culturais e individuais e de como elas se expressam na própria construção da narrativa (MOURA e LIMA, 2014). Ou seja, o indivíduo (singular) que narra sua história o faz coletivamente na roda e sempre de forma a expressar os atravessamentos sociais (particularidades) que compõem sua subjetividade e as significações que dão às experiências narradas. Tal relação, portanto, não pode estar de fora quando da interpretação dos dados coletados, tanto na roda de conversa, quanto nas fotografias.

Destaca-se ainda que a roda de conversa, por ser lugar de encontro, de diferentes, de troca e de diálogo tem o potencial de, através das narrativas, construir identificações constituindo-se como uma prática educativa. É assim que para Serpa (2010, p. 14)

As experiências que constituem os sujeitos ao serem narradas permitem que estes sujeitos interajam criando representações de si mesmos e do mundo. O diálogo surge como o lugar onde é possível tecer o encontro entre as diferentes experiências e narrativas, assim como refletir sobre estas, nos diferentes espaço-tempos em que se encontram e se desafiam. O confronto entre diferentes experiências que nos constituem e a partilha de diferentes narrativas faz do encontro entre os sujeitos uma prática potencialmente educativa.

Esta dimensão educativa se fez presente em nossa prática de pesquisa, pois foi possível notar o quanto as narrativas construídas pelos integrantes da roda foram se complexificando, incorporando um conjunto de novos elementos e reflexões, conforme avançavam no projeto e nas trocas durante as rodas de conversa. Por este movimento, os jovens elaboraram e produziram novos significados às suas práticas, espacialidades e vivências na cidade, bem como à sua condição juvenil e a suas experiências espaciais, raciais e de gênero. Isto é, a própria presença e imersão na pesquisa, seja no movimento de criação dos registros fotográficos ou na construção das narrativas durante as rodas, fomentou uma apropriação analítica e reflexiva em torno de suas experiências, assim como a compreensão de que, embora singulares, elas eram também socialmente produzidas e partilhadas.

É o que se nota quando, ao término de sua participação na pesquisa, um dos jovens assume sua identidade como um sujeito negro. Ou quando a jovem da Engenharia compreende os motivos pelos quais ela é uma das poucas mulheres e negras no curso. Ou quando os jovens negros percebem já terem vivido experiências semelhantes de constrangimento no shopping da cidade. Estas e tantas outras vivências vão forjando sua condição juvenil como sujeitos atravessados por importantes marcadores de desigualdade.

É neste sentido que a metodologia cumpriu seu papel ao possibilitar que os jovens se tornassem os sujeitos centrais do processo de construção do conhecimento. Para tal, a proposta

metodológica incitou-os a pensarem e elaborarem as situações de restrições (de cor, de gênero, de classe, etária, territorial, além de outras) experimentadas e a perceberem como essas restrições e desigualdades se expressam no espaço, de forma a garantir os mecanismos para sua reprodução. Ao fazerem isso, puderam decifrar alguns dos códigos que organizam a cidade e que reproduzem padrões desiguais de uso e apropriação nela. Comentando durante uma roda de conversa sobre o ato de fotografar para o projeto, uma jovem participante dizia:

Eu sempre gosto de registrar alguns momentos, tiro as fotos, às vezes posto em alguma rede social, mas essa de ficar revisitando e pensando que realmente, de alguma forma, isso só teria acontecido porque tem o vínculo com a faculdade, sabe?! A maior parte das fotos que foi, foi por conta disso. Então, foi um momento de pensar mesmo.

A fala acima ilustra o quanto a presença no projeto ressignificou não apenas o ato de fotografar em si, dando-lhe outro sentido, como a conduziu a um processo reflexivo sobre suas experiências e sobre como elas estavam diretamente relacionadas ao acesso à Universidade e às transformações que isso trouxe para a sua vida.

O exemplo trazido na pesquisa possibilita entender o potencial que a metodologia assume ao colocar o jovem como sujeito central da produção de determinado conhecimento. Para tanto, como anteriormente discutido, é preciso romper com as práticas investigativas que tem no jovem apenas o objeto da pesquisa. Tais práticas se sustentam no entendimento do jovem como um não-ser e incapaz de, compreendendo o presente, forjar projeto, produzir o espaço ou ter autonomia investigativa. Contudo, como bem salienta Hopkins et al. (2018, p. 435), muito avançamos na direção de outro entendimento, aquele que demonstra que os “young people are not simply the passive recipients and bearers of socio-political developments, but play a key role in bringing about societal futures”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa metodologia de pesquisa com juventudes teve como eixo orientador as trajetórias espaciais dos jovens na cidade e sua dimensão de sujeito produtor de um conhecimento sobre si e sobre a cidade. Neste sentido, a metodologia sustenta-se na compreensão dos jovens como sujeitos sociais, cujas múltiplas vivências vão forjando suas experiências de juventude e as representações e significações que atribuem ao mundo, à cidade e à própria juventude. O segundo movimento, no sentido da elaboração de nossa proposta, foi a definição de cidade. Neste aspecto, ela foi concebida como espaço fundamental no desenrolar da vida dos sujeitos jovens, sendo o exercício de seu direito uma condição ao exercício político da cidadania e do direito de ser jovem. Diante desta perspectiva, nossa proposta assume o uso e apropriação deste espaço pelos jovens através de suas práticas espaciais e espacialidades como fundamentos para o processo de politização das oportunidades a serem alcançadas (ou não) por estes sujeitos, na qualidade de serem jovens.

Circunscrever nossos conceitos foi o aspecto que embasou a metodologia e possibilitou a condução de um horizonte de compreensão capaz de estimulá-los à reflexão sobre suas experiências juvenis na cidade, nas suas condições de singularidade e particularidade, fortemente atravessadas por um conjunto de mediações que proporciona ou não o acionar das oportunidades existentes no tecido socioespacial e materializadas na cidade. A escolha da fotografia e da roda de conversa como construtoras de narrativas foi o caminho metodológico percorrido.

Assim, como parte constitutiva da metodologia, os registros fotográficos feitos, selecionados e publicados por eles manifestavam escolhas e visões de si, da cidade e de suas espacialidades, configurando-se como narrativas capturadas pelas lentes dos celulares e compartilhadas por todos nas rodas de conversa. Nelas, as narrativas até então singulares ganharam dimensão coletiva e possibilitaram a compreensão das particularidades das experiências vividas.

Para isso, as rodas tiveram a potência de estimularem e produzirem narrativas a partir daquelas registradas e aprisionadas nas fotografias. Neste processo, seus integrantes anunciam-se, contam suas histórias, suas vivências e revelam suas impressões em um jogo de troca mútua em que todos se veem diante das diferenças e das formas distintas que cada um interpreta, significa e compreende as situações apresentadas.

O que observamos no processo da pesquisa e de construção da metodologia apresentada foi o intenso envolvimento dos jovens como participantes centrais da elaboração de um conhecimento sobre a cidade, colaborando para que apreendessem alguns de seus códigos organizadores e o quanto, expressos em sua materialidade, eles condicionam (limitam ou potencializam) os usos possíveis da cidade por sua parte. Neste aspecto, a metodologia permitiu responder a questões da pesquisa, tendo os jovens como sujeitos centrais no processo de elaboração de um determinado conhecimento entorno da relação juventudes-cidade.

É assim que compreendemos que a metodologia que se construiu assume a dimensão dos jovens como sujeitos do conhecimento, na medida em que os envolve no processo investigativo, buscando compreender suas práticas espaciais e espacialidades na cidade e todos os atravessamentos que as limitam e/ou potencializam. Trata-se, por tanto, de um instrumento capaz não apenas de responder as questões de pesquisa, como também de incidir sobre as próprias experiências espaciais dos jovens mediante o entendimento reflexivo dos mecanismos que as condicionam e da forma como vivem suas experiências de juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997.
- APROBATO, V. C. Corpo digital e bem-estar na rede Instagram: um estudo sobre as subjetividades e afetos na atualidade. **Boletim– Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 38, n. 95, p. 157-164, 2018. <https://doi.org/10.5935/2176-3038.20180003>
- BALBIM, R. A quinta dimensão do espaço. Cotidiano e práticas espaciais. In: SOUZA, M. A. A. de (org.). **Território brasileiro. Usos e abusos**. Campinas: edições territoriais, 2003.
- BARBOSA, J. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade Instituto de Ciências Humanas Universidade Federal de Juiz de Fora 6 de outubro de 2011. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, número especial. v. 1, 2013. Disponível em: <https://geografia.uff.emnuvens.com.br/geografia/article/view/87>. Acesso em: 17 jul. 2022.
- BOLLNOW, O.F. **O homem e o espaço**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- CARRANO, P.O dispositivo fotográfico na pesquisa Jovens Fora de Série. **Blog do Paulo Carrano**, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 2016. Disponível em: <https://paulocarrano.blog/2016/11/14/o-dispositivo-fotografico-na-pesquisa-jovens-fora-de-serie/>, Acesso em: 17 jul. 2021.
- CASSAB, C. O jovem como sujeito e a cidade que se ensina. In. XIII Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ENANPEGE, 2019, São Paulo. **Anais ...** São Paulo: Ed. Realize, 2019.
- CASSAB, C. “Cidade estranha, sabes que existo?” O jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: FAGUNDES, M.L.B.; LOPES, J.J.M.; TEBET, G.G. de C. (Org.). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. 1 ed. Brasília: Editora da UnB, v. 1., 2021.
- CASSAB, M.; CASSAB, C. Juventude: técnica e território. In. CASTRO, L. R. de; BESSET, V. L. (orgs). **Pesquisa intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2008.
- CASSAB, C.; SOUZA, L. Relatos de pesquisa: a política de cotas e a ampliação das experiências juvenis. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A JUVENTUDE BRASILEIRA – JUBRA, 8, 2020, Belém. **Anais...** Belém: Ed. IEPA, 2020.
- CASSAB, C.; SOUZA, L. Habitar a cidade? Experiências de mobilidade e circulação de moradores de um conjunto habitacional em Juiz de Fora – MG. In: MARQUES NETO, R.; BATELLA, W.B.; MILANEZ, B. **Dinâmicas geográficas na Zona da Mata Mineira**. Curitiba: CRV, 2022.
- CASTRO, L. R. de. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, L. R. de; BESSET, V.L. (Orgs). **Pesquisa intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2008.

- DAYRELL, J. Juventude, grupos culturais e sociabilidade: comunicação, solidariedade e democracia. **JOVENes – Revista de Estudos sobre Juventud**, México, ano 9, n. 22, p. 296-313, 2005.
- DI MEO, G. Géographies tranquilles du quotidien. Une analyse de la contribution des sciences sociales et de la géographie à l'étude des pratiques spatiales. **Cahiers de géographie du Québec**, Québec, v. 43. n. 118, p. 75–93, 1999. <https://doi.org/10.7202/022788ar>
- FELICIANO, L. A.; SILVA, M. A.; DA SILVA, P. K. Corpus construído: juventude, fotografia e homogeneização corporal na sociedade contemporânea. **Revista Temática**, João Pessoa, v. 17, n. 04, 2021.
- FRANCO, R. F.; VAN STRALEN, C. J. O espaço de habitação e sua importância para a produção de subjetividade. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 402-419, dez. 2012.
- FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- GOMEZ, S. E.; FERNANDEZ, P. S. M.; PRADO, S. A fotografia como linguagem, fonte de investigação e ensino de Geografia. In: GIRALDI, G.; OLIVEIRA JR, W. M. de; NUNES, F.G. **Pegadas das imagens na imaginação geográfica. Pesquisas, experimentações e práticas educativas**. São Carlos: João e Pedro Editora, 2022.
- HOPKINS, P.; HÖRSCHELMANN, K.; BENWELL, M.; STUDEMAYER, C. Young people's everyday landscapes of security and insecurity. **Social & Cultural Geography**, [s. l.], v. 20, n. 4, p. 435-444, 2019. <https://doi.org/10.1080/14649365.2018.1460863>
- INSTAGRAM statistics and trends. **DataReportal**, julho de 2022. Disponível em: <https://datareportal.com/essential-instagram-stats>. Acesso em: 23 agosto de 2022.
- JESUS, G. B. de. Projeto Identidade: espaço, identidade e fotografia. **Confinos** [online], n. 23, 2015. <https://doi.org/10.4000/confinos.10013>
- LINDÓN, A. De las geografías constructivistas a las narrativas de vida espaciales como metodologías geográficas cualitativas. **Revista da ANPEGE**, [s. l.], v. 4, n. 04, p. 7–26, 2017. <https://doi.org/10.5418/RA2008.0404.0001>
- MARTINS, J. de S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Editora, 2009.
- MEIRINHO, D. **Construção de significados visuais**: A participação de jovens a partir da fotografia participativa. s.d. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meirinho-daniel-2018-construcao-significados-visuais.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- MENDES, J. T. N. Políticas habitacionais e juventude: incursões sobre a morada dos jovens pobres na cidade. In: BARBOSA, J. L.; DAMASCENO, I. (org.). **Juventudes das cidades**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2020.
- MOURA, A. F.; LIMA, M. da G. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014.
- OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (orgs.). **Método histórico-social na psicologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- PAULA, D. F. L. de. Fotografias contemporâneas: o Instagram como possibilidade tecnológica. In: INTERPROGRAMAS DE MESTRADO EM COMUNICAÇÃO DA FACULDADE CÁSPER LIBERO., 11, 2015, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Casper Líbero, 2015.
- QUEIROZ FILHO, A. C. A edição dos lugares: sobre fotografias e a política espacial das imagens. **ETD - Educação Temática Digital**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 33–53, 2010. <https://doi.org/10.20396/etd.v11i2.883>
- RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade hoje: leitura da experiência urbana. **Caderno CRH**, [s. l.], v.18, n.45, set/dez, 2005. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v18i45.18535>

SANDERS, R. Developing Geographers through Photography: Enlarging Concepts. **Journal of Geography in Higher Education**, Gloucestershire, v. 31, n. 1, p. 181–195, 2010.

<https://doi.org/10.1080/03098260601033118>

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SECCO, L. Sebastião Salgado: uma fotografia a e múltiplas possibilidades de interpretação.

Diálogos, Canoas, n. 46, 2021. <https://doi.org/10.18316/dialogo.v0i46.6979>

SERPA, A. Conversas: caminhos da pesquisa com o cotidiano. **A página da educação** [s. l.], 2010. Disponível em: <http://www.apagina.pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

SPOSITO, M. E. B. Práticas espaciais e reestruturação em cidades médias. In: FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R.C. **O espaço e a metropolização**: cotidiano e ação. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2017, p. 627-677.

TITTONI, J.; GHISLENI DE OLIVEIRA, R.; MARQUES, P.; TANIKADO, G. A Fotografia na Pesquisa Acadêmica: sobre visibilidades e possibilidades do conhecer. **Informática na educação: teoria & prática**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, 2011. <https://doi.org/10.22456/1982-1654.10467>

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. In: SCOZ, B. et al. (Org). **Psicopedagogia**: contribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 13-23.

Recebido em: 20/09/2022

Aceito para publicação em: 09/02/2023